

4. “A paz esteja convosco!”

“Jesus aproximou-se, pôs-se no meio deles e disse-lhes: ‘A paz esteja convosco!’” (Jo 20,19)

Bastaria este versículo para nos fazer compreender que a paz em nós, entre nós, no mundo inteiro, é o dom do Ressuscitado, o dom que Ele já pagou com a sua paixão e morte na Cruz. A paz é o coração da verdade que Cristo nos diz e nos dá. Jesus ressuscitado está presente no meio dos discípulos para dizer: “A paz esteja convosco!”. A paz é o sumo da palavra que Cristo nos diz, da Palavra que Cristo, o Verbo de Deus, exprime em meio a nós, o sumo do Evangelho. E Cristo diz-nos a sua paz no sopro do Espírito: «Tendo dito isto, soprou e disse-lhes: "Recebei o Espírito Santo"» (Jo 20,22). E depois deste sopro, Jesus dá aos discípulos a missão do perdão dos pecados, o ministério da reconciliação: “Àqueles a quem perdoardes os pecados, lhes serão perdoados; àqueles a quem os retiverdes, lhes serão retidos”. (20,23)

Tudo é dado à Igreja para nos permitir viver numa comunhão fraterna na qual Jesus está presente e nos fala, dando-nos a paz na reconciliação mais forte que o pecado de cada um, mais forte que as nossas divisões, uma reconciliação que nos liberta do pecado para viver na comunhão do amor, dom do Espírito do Ressuscitado, Espírito do Pai.

Compreendemos então que quando São Bento institui a vida do mosteiro, pedindo para procurar a paz e a segui-la, na realidade não nos pede mais do que procurar Cristo morto e ressuscitado por nós e segui-lo no seu amor, animados e sempre de novo reanimados pelo sopro do Espírito Santo.

Não podemos mais procurar a paz sem procurar Jesus Cristo, nem segui-la sem segui-Lo. Quando nos falta a paz interior ou a paz entre nós – e devemos admitir que nos falta muitas vezes! –, a verdadeira questão a colocar é como podemos voltar a uma relação mais intensa com o Senhor, a um reconhecimento mais intenso da sua presença, a uma escuta mais intensa da sua palavra. São Bento organiza toda a vida monástica ao serviço disto, para ajudar cada um de nós e ajudar as comunidades a viver em tudo e sempre esta intensidade de relação com o Senhor que, presente em meio a nós, nos diz: “A paz esteja convosco!”

Fundamentalmente, é uma questão de oração, de cultivar no coração e em comunidade uma oração que viva esta intensa relação com Cristo.

No Angelus de 21 de janeiro de 2024, Papa Francisco abriu o ano da oração em preparação ao Jubileu de 2025 pedindo, precisamente, “intensificar a oração para nos prepararmos para viver bem este evento de graça e experimentar a força da esperança de Deus”.

O que significa: intensificar a oração? Compreendemos que precisamos disso, mas muitas vezes reduzimos a intensidade à *quantidade* mais que a uma *qualidade* da oração. No fundo, toda a tradição monástica quer cultivar em nós a intensidade da oração para que, como uma chama, a transmitamos ao mundo.

Durante esta última Quaresma meditava muitas vezes uma palavra da narração da Paixão segundo Lucas, onde se diz que Jesus, «tendo entrado na luta [isto é, em agonia], orava mais intensamente, e o seu suor tornou-se como gotas de sangue caindo na terra" (Lc 22,44). Perguntava-me o que significava para Jesus orar mais intensamente. O termo grego aqui utilizado é: *ektenesteron*, que significa precisamente "mais intensamente; com mais tensão". Fez-me pensar no que Bento nos pede no início da Regra: implorar ao Senhor de levar ao cumprimento a nossa vocação com uma oração muito insistente e intensa: "*instantissima oratione*" (RB Prol. 4).

Jesus tinha acabado de dizer aos apóstolos que o seguiram até ao Getsêmani: "Orai para que não entreis em tentação" (Lc 22,40). Pouco depois de começar a suar sangue que escorria pelo chão, dirigiu-se aos três discípulos escolhidos para estarem perto d'Ele e, encontrando-os adormecidos, acordou-os dizendo: "Levantem-se e rezem, para não entrarem em tentação!" (Lc 22,46).

Jesus teria querido que os discípulos participassem na intensidade da sua oração. Não tanto porque Ele precisava, mas por si mesmos, para não entrarem em tentação, ou melhor: para não entrarem em tentação sozinhos, sem o apoio de Deus, sem se confiarem ao Pai como Jesus fez, recebendo do Pai a consolação, a força e a paz para suportar a Paixão e morrer na Cruz. É impressionante com que paz Jesus sai da oração do Getsêmani, mesmo que o pior ainda estivesse por vir. Mas já tinha recebido do Pai o dom de uma paz profunda, no obediente e confiante abandono à sua vontade.

A intensidade da oração não nos pede qualidades ou forças particulares, mas simplesmente que coloquemos na oração o desejo, a necessidade que arde no nosso coração, mas que muitas vezes sufocamos por preguiça, negligência ou porque distraídos por outras coisas. A intensidade da oração é uma questão de consciência de quem somos nós e de quem é o Senhor, é uma questão relacional. A oração se torna intensa se nela colocamos verdadeiramente nós mesmos, assim como somos, com todas as pessoas, amigas ou inimigas, que fazem parte da nossa vida, e se colocamos nós mesmos diante de Deus, a um Deus presente que nos espera e escuta sempre, assim como o Pai sempre escutava Jesus.

Somos chamados a rezar como Jesus diante do túmulo de Lázaro: «Levantando Jesus os olhos ao alto, disse: "Pai, rendo-te graças, porque me ouviste. Eu bem sei que sempre me ouves, mas falo assim por causa do povo que está em roda, para que creiam que tu me envias-te".» (Jo 11,41-42)

Ele não o disse apenas para que acreditemos, mas para que possamos rezar como Ele, porque acreditamos rezando e rezamos acreditando, isto é, entrando na intensidade da sua relação de amor com o Pai, mas também na intensidade da sua relação com os outros, como foi a sua relação de amizade com Lázaro, Marta e Maria.

Sem a oração intensa de Jesus não podemos segui-lo na vocação e na missão que nos confia, seja ela qual for; sem esta oração não podemos tornar-nos instrumentos da Redenção, anunciadores do seu Evangelho e do Reino de Deus. Sem esta oração intensa de Jesus não podemos ser pacificadores.

É esclarecedora a forma como São Bento pede à comunidade que acolha todos os hóspedes que chegam ao mosteiro: “primeiro, rezem em comum e assim se associem na paz. Não seja oferecido esse ósculo da paz sem que, antes, tenha havido a oração, por causa das ilusões diabólicas.” (RB 53,4-5)

Também aqui só na verdade podemos reunir-nos verdadeiramente, mas a verdade que não divide é uma paz pedida a Deus, é uma comunhão fraterna que devemos pedir ao Senhor, acolhendo sempre Cristo para que nos diga em cada encontro e ocasião: "A paz esteja convosco!"

Também aos irmãos da própria comunidade, São Bento pede que revivam constantemente este tipo de acolhimento que pede uma verdadeira paz entre nós. No capítulo 4 da Regra exorta-nos a “Não conceder paz simulada” (RB 4,25). Certamente pensa sobretudo no beijo de paz antes da comunhão eucarística (cf. 63,4), mas quer também que esta verdade na troca da paz reine sempre nas nossas relações, tal como a comunhão de vida e de corações que recebemos sacramentalmente na Eucaristia. Em tudo nos é pedido que não acreditemos que podemos viver na paz fraterna sem a pedirmos a Cristo e sem a acolhermos Dele.